



**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS ASSOCIADOS À CULTURA CAFEIEIRA NO  
MUNICÍPIO DE MATA VERDE/MG**

**SOCIOECONOMIC ASPECTS ASSOCIATED WITH THE COFFEE CULTURE IN  
THE MUNICIPALITY OF MATA VERDE/MG**

**Bernardo Almeida Rocha**

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

[bernardob.rocha@hotmail.com](mailto:bernardob.rocha@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-9772-5627>

**Indiele Martins Santos**

Universidade Federal de Viçosa - UFV

[martinsindiele@gmail.com](mailto:martinsindiele@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0009-1570-1727>

**Luiz Célio Souza Rocha**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG

[luiz.rocha@ifnmg.edu.br](mailto:luiz.rocha@ifnmg.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8865-9867>

**Tainá Fernandes Lacerda**

Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais - PUC-Minas

[tnlcrd@gmail.com](mailto:tnlcrd@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0004-3590-2757>

**Luiz Felipe Pereira Reis**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG

[luiz.felipe.reys.2005@gmail.com](mailto:luiz.felipe.reys.2005@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0003-6933-3751>

---

**Resumo**

O estado de Minas Gerais lidera a produção nacional de café, respondendo por 52% do total produzido no Brasil em 2024. Este artigo analisa a atividade cafeeira no município de Mata Verde/MG sob a perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local. A pesquisa, de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, utilizou entrevistas semiestruturadas com representantes de entidades governamentais, produtores, trabalhadores

rurais e comerciantes locais. Os resultados revelam que a cafeicultura é o principal motor econômico da cidade, gerando empregos, movimentando o comércio e atenuando os efeitos da ausência de grandes indústrias na região. Observou-se uma estrutura fundiária desigual, com concentração de terras nas mãos de poucos grandes produtores e predominância de pequenos agricultores familiares. A maioria dos trabalhadores enfrenta condições precárias, marcadas por informalidade, baixa escolaridade e falta de qualificação. Apesar das limitações, iniciativas institucionais e o interesse dos produtores em cooperativas e assistência técnica demonstram potencial para o fortalecimento do setor. Conclui-se que a cafeicultura em Mata Verde/MG não apenas sustenta a economia local, mas também carrega forte valor cultural e social, sendo essencial para o desenvolvimento mais justo e sustentável do município.

**Palavras-chave:** Cafeicultura; Minas Gerais; Vale do Jequitinhonha; Desenvolvimento e Produção.

#### **Abstract**

The state of Minas Gerais leads national coffee production, accounting for 52% of the total produced in Brazil in 2024. This article analyzes coffee activity in the municipality of Mata Verde/MG from the perspective of local socio-economic development. The research, qualitative in nature, with an exploratory and descriptive approach, used semi-structured interviews with representatives of government entities, producers, rural workers and local traders. The results show that coffee growing is the town's main economic engine, generating jobs, boosting trade and mitigating the effects of the absence of large industries in the region. An unequal land structure was observed, with land concentrated in the hands of a few large producers and a predominance of small family farmers. Most workers face precarious conditions, marked by informality, low schooling and a lack of qualifications. Despite the limitations, institutional initiatives and producers' interest in cooperatives and technical assistance show potential for strengthening the sector. It can be concluded that coffee growing in Mata Verde/MG not only sustains the local economy, but also has a strong cultural and social value and is essential for the fairer and more sustainable development of the municipality.

**Keywords:** Coffee farming; Minas Gerais; Vale do Jequitinhonha; Development and Production.

## **1. Introdução**

Inicialmente, o café foi produzido no Brasil em pequena escala, voltado exclusivamente para o consumo interno. No entanto, a partir do final do século XVIII e início do século XIX, o país passou a ampliar significativamente sua produção, iniciando a exportação regular do produto. Nesse contexto, com investimentos relativamente modestos, o uso de equipamentos rudimentares e a utilização de mão de obra escravizada, teve início a expansão da cultura cafeeira no Brasil (Aenda, 2020; Filetto, 2000). Nos últimos anos a cafeicultura cumpriu importante papel no processo de desenvolvimento nacional e regional (Filetto, 2000), e fez do Brasil o maior produtor e exportador mundial de café (Ministério do Trabalho e Emprego, 2024), alcançando o número de 54,2 milhões de sacas de café no ano de 2024 (Companhia Nacional de Abastecimento, 2025).

A cultura cafeeira tem grande relevância para o estado de Minas Gerais, chegando hoje ao posto de principal estado produtor e detentor do maior número de áreas cultivadas no Brasil. Parte dos avanços em tecnologia, acesso à assistência técnica e melhoria da qualidade de vida no campo foi resultado de políticas públicas e incentivos governamentais voltados à implantação de lavouras cafeeiras em diversos municípios do estado (Gonçalves et al., 2019).

Nesse contexto, o progresso da cafeicultura no estado e sua consolidação no mercado foram fatores determinantes para a evolução econômica e social das regiões produtoras, com a transferência de capital para diferentes setores da economia, tornando-se um importante vetor de geração de renda, divisas e empregos locais. Tal desenvolvimento não se deu apenas pela ação governamental, mas também pelo investimento contínuo em pesquisa e na transferência de tecnologias aplicadas ao cultivo do café, somando-se à aptidão natural do estado, que oferece condições favoráveis de solo, clima e disponibilidade hídrica — elementos fundamentais para o aumento da produção e da produtividade da cultura (Pelegriani & Simões, 2011).

Nesse contexto, destaca-se que, somente no ano de 2024, o estado de Minas Gerais produziu mais de 28,1 milhões de sacas de café, em uma área cultivada de 1.103.544 hectares — resultado que representou um aumento de 1,9% em relação à safra anterior, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (2025).

A produção na região do Vale do Jequitinhonha alcançou uma média de 31,4 sacas por hectare, representando uma leve alta de 0,1% em relação à safra anterior. A área em produção totalizou 28.536 hectares, registrando um aumento de 1% em comparação ao ciclo anterior, e a produção atingiu 895,7 mil sacas, o que corresponde a um crescimento de 0,9% no período (Companhia Nacional de Abastecimento, 2025).

O cenário da produção de café enfrenta grandes dificuldades, especialmente entre os pequenos e médios produtores. Pesquisas recentes realizadas por Pereira et al. (2024) e Melo et al. (2024) destacaram que esses produtores enfrentam limitações significativas na adoção de práticas inovadoras e tecnológicas, principalmente devido à escassez de recursos financeiros e ao restrito acesso ao crédito, o que afeta diretamente a produtividade e o desenvolvimento das propriedades. Além disso, a importância do investimento em capital humano, por meio de educação e capacitação técnica, foi ressaltada.

Por conseguinte, o município de Mata Verde, lócus deste estudo, pertencente à mesorregião do Baixo Vale do Jequitinhonha, possui uma população estimada de 9.112 habitantes, conforme dados de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Reconhecido como um importante produtor de café na região, Mata Verde se destaca pelo desempenho expressivo na agropecuária, especialmente na cafeicultura. Em 2023, o município produziu 1.012 toneladas de café, com um valor total estimado de R\$ 13.704.000,00, cultivadas em uma área de 563 hectares — toda ela efetivamente colhida, o que demonstra a eficiência do aproveitamento agrícola local (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

Entretanto, em 2022, o salário médio mensal dos trabalhadores formais no município era de 1,7 salários mínimos, e o número de pessoas com emprego formal totalizava 687, o que representa uma taxa de ocupação de aproximadamente 7,54% da população total. Apesar da relevância econômica no setor agrícola, o município apresentava, em 2010, um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,581, valor considerado baixo segundo os critérios do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Diante o exposto, este estudo tem como objetivo analisar a atividade cafeeira em Mata Verde/MG sob a perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local. Assim, buscando contribuir com esse importante debate, este trabalho visa fornecer dados sobre as relações e as condições laborais dos trabalhadores e produtores na cafeicultura, ao mesmo tempo em que se busca compreender o impacto dessa atividade na economia local a partir de seus atores. Adicionalmente, destaca-se a importância da comunidade e dos agentes políticos estarem cientes das informações sobre as atividades cafeeiras, visando à implementação de medidas e políticas públicas que promovam o desenvolvimento do setor, considerando todos os envolvidos.

## **2. Referencial Teórico**

## 2.1 A cafeicultura no Brasil

Historicamente, o café tem sido um dos principais produtos de exportação do Brasil, desempenhando um papel relevante na economia nacional (USDA, 2020). A cafeicultura destaca-se não apenas pela geração de produto, renda e emprego, mas também por sua capacidade de integrar diferentes regiões do país, consolidando-se como um importante vetor de desenvolvimento. Além disso, representa de forma expressiva a agroindústria brasileira, uma vez que o café figura entre as principais *commodities* no mercado internacional (Borrella et al., 2015). Em 2024, o Brasil exportou 50,5 milhões de sacas de 60 quilos, alcançando um novo recorde e registrando um aumento de 28,8% em relação ao ano anterior, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Essa exportação resultou em uma receita de US\$ 12,3 bilhões — o maior valor já registrado —, o que representa um crescimento de 52,6% em comparação a 2023 (Companhia Nacional de Abastecimento, 2025).

As primeiras plantações de café surgiram no século XVI, mas o produto se tornou realmente importante para a economia do Brasil a partir do século XIX, sendo o principal produto no cenário agromercantil. Por quase um século, o café foi considerado a principal riqueza cultivada, capaz de impulsionar a industrialização e modernização no início do século XX, acelerando o desenvolvimento do país (Barth, 2009; Crocco et al., 2018; Rufino et al., 2010; Veríssimo, 2015).

Com o fim da regulamentação da oferta de café no mercado internacional, o mercado cafeeiro passou a se reorganizar a fim de adaptar-se às condições de livre mercado. A forma de adaptação utilizada pelos cafeicultores foi o processo de investimento nos sistemas de produção, buscando a melhoria dos índices de eficiência dos fatores produtivos para gerar o aumento da competitividade no mercado globalizado e de livre concorrência (Oliveira et al., 2008).

Segundo Carvalho (2002), é nesse cenário que os produtores passam a se preocupar com a produtividade e qualidade do café das lavouras. Os cafeicultores passaram a adotar novos sistemas produtivos, que incorporam diferentes tecnologias aplicadas ao cultivo, manejo, irrigação, mecanização da colheita, dentre outros. Todas essas inovações tecnológicas foram fundamentais para o estabelecimento da cultura cafeeira nas tradicionais regiões de São Paulo e Sul de Minas Gerais. As inovações provocaram expansão para locais com até limitações edafoclimáticas, como o cerrado brasileiro, que hoje apresenta produtores de alto nível de produtividade e qualidade no país (Bliska et al., 2009; Carvalho, 2002).

A cafeicultura possui múltiplos fatores que exercem influência sobre a sua prática e que foram capazes de gerar fases de crise para o mercado cafeeiro, principalmente em razão da volatilidade da produção, pois a bienalidade da cultura, junto a sua sensibilidade às condições climáticas produzem efeitos sobre o período de sazonalidade e interferem na oferta do produto, causando alterações sobre o preço do café (Bliska et al., 2009; Fernandes et al., 2012).

A cafeicultura em toda sua trajetória possibilitou o desenvolvimento econômico e social nas regiões onde foi implantada (Zottino et al., 2024). Os avanços regionais proporcionados pela economia cafeeira impactam diversas áreas econômicas, sendo fruto de uma estrutura composta por agentes sociais e econômicos com raízes históricas e tradicionais, além de aspectos políticos. Em algumas regiões do país, a economia local continua amplamente subordinada à atividade cafeeira, o que resulta em impactos econômicos expressivos (Souza & Oliveira, 2024).

Nesse sentido, segundo Oliveira et al. (2008), a aplicação de programas e políticas que tenham como objetivo o desenvolvimento agrícola de determinada região devem buscar levar em consideração as suas especificidades, a fim de estimular atividades e práticas agrícolas segundo as necessidades e particularidades locais no intuito de gerar o melhor resultado. Ademais, este desenvolvimento exige enxergar a cadeia produtiva como um todo, visando subsidiar o planejamento eficaz e efetivo de investimentos e de políticas públicas setoriais, tendo em vista que a cafeicultura representa a interação entre fatores externos e internos inerentes a cada região, capazes de transformar a economia e prover o desenvolvimento para toda sociedade (Bliska et al., 2009).

Vale, Calderaro e Fagundes (2014) ressaltam como o mercado de comercialização do café é complicado, pois se trata de um cenário competitivo e, como exposto, oligopsônio. Ademais, faltam políticas efetivas com o intuito de regularização da oferta do café de modo que estabilize os preços. Sobre isso, Teixeira (2002, p.178) salienta que,

O cafeicultor fica sempre à mercê das decisões de mercado unilateralmente tomadas pelos compradores. A consequência de todo esse processo é que a renda auferida pelos cafeicultores é mínima, se comparada com os valores adicionais obtidos ao longo da cadeia agroindustrial do café, além de apresentarem grande instabilidade.

Ainda, muitos enfrentam desafios ao escolher o momento ideal e o método mais adequado para vender suas safras, especialmente devido à falta de familiaridade com o cenário econômico das bolsas de cotação do café e à escassez de assistência técnica especializada. Nesse contexto, a formação de associações e cooperativas pode ser uma solução valiosa, simplificando as transações e aumentando os lucros do produtor (Pelegriani & Simões, 2011; Vale et al., 2014).

Muitas vezes, os pequenos produtores dependem desses núcleos e associações para acesso ao crédito e facilitação das negociações, tanto na produção quanto na comercialização (Veríssimo, 2015).

Além das questões relacionadas ao acesso ao crédito e à comercialização, existem outras dificuldades significativas, como os desafios logísticos (Campos et al., 2015). No entanto, as questões trabalhistas também são relevantes, contribuindo para a complexidade enfrentada pelos produtores. Nesse contexto, é crucial considerar as condições de trabalho enfrentadas pelos trabalhadores e produtores de café (Vale et al., 2014). Muitos desses trabalhadores estão envolvidos em formas de emprego informal, como a empreitada, que não são abrangidas pelo Estatuto do Trabalhador Rural (ETR). Em geral, esses trabalhos duram cerca de 4 meses, após os quais os trabalhadores enfrentam desemprego ou subemprego. Paradoxalmente, o uso desse tipo de mão de obra muitas vezes resulta em lucros aumentados para os grandes produtores (Crocco et al., 2018).

Para além das questões sociais, segundo Moruzzi-Marques e Silveira (2009), a agricultura, assim como a cafeicultura, deve se reorientar a fim fomentar um estilo de vida sustentável, que favoreça o reconhecimento de cultivos capazes de responder a questões de expectativas ambientais e culturais, como é a prática da cafeicultura familiar.

Contudo, no agronegócio do café, questões voltadas à responsabilidade social devem ser prioridades, tais como: saúde dos trabalhadores, segurança alimentar e não utilização de mão de obra infantil ou não remunerada, preservação ambiental e certificação de qualidade. Essas questões são tratadas mais do que como valores a serem seguidos, são também utilizados como estratégias para competitividade. A priori, esses parâmetros foram utilizados por grandes empresas e, gradativamente, passam a ser adotados entre as demais, pois permitem a diferenciação dos produtos obtendo reconhecimento, principalmente no comércio exterior (Bliska et al., 2009).

Por fim, somando-se a essa implementação social de se pensar em gestão ambiental, onde há o pensamento e preocupação com o meio ambiente, na busca de ações que preservem e demonstrem o cuidado com o hoje e o futuro (Sbaraini et al., 2018), há também a necessidade de se pensar em políticas públicas que visem a qualificação e treinamento dos agricultores, no que diz respeito à gestão de custos e administração de seus empreendimentos, visto que a produção de cafés de boa qualidade é influenciada por eficiência técnica e administrativa (Veríssimo, 2015).

## 2.2 A cafeicultura em Minas Gerais

A cafeicultura e toda a cadeia produtiva que a envolve possui relevância histórica, econômica e geográfica para o Brasil e para o estado de Minas Gerais, o qual é o maior produtor nacional (Toledo, 2019). A liderança na cafeicultura no estado de Minas Gerais se efetivou a partir da década de 1970 (Saes et al., 1997), superando os principais estados produtores, na época, Paraná e São Paulo. Esta posição se deu principalmente pela existência de um Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais, proposto pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), pela ocorrência de geadas nas principais áreas de produção do Paraná e de São Paulo, pela incorporação de extensas áreas de cerrado, além de fatores como a existência de financiamento, assistência técnica, introdução de novas tecnologias, aumento das exportações e o aumento dos preços internacionais (Silva et al., 2001; Vale et al., 2014).

Ao longo dos anos, a cafeicultura em Minas Gerais vem obtendo aumentos de produtividade, expandindo as áreas de cultivo, bem como a sua lucratividade. Entre as razões fundamentais para que a região se tornasse competitiva estavam o incremento tecnológico e a existência de uma boa estrutura de comercialização e seguridade. Além disso, a atuação das cooperativas permite que insumos cheguem às áreas de produção de café (Silva et al., 2001; Vale et al., 2014).

Em 2021, o estado de Minas Gerais produziu mais de 22,14 milhões de sacas de café, cultivadas em uma área superior a 979 mil hectares. No entanto, os resultados da safra de 2020 haviam sido ainda mais expressivos, com mais de 34,6 milhões de sacas colhidas em uma área superior a 1 milhão de hectares. A redução observada em 2021 foi atribuída ao fenômeno da bienalidade negativa, característico da cultura cafeeira (Companhia Nacional de Abastecimento, 2021). Já em 2024, os resultados da cafeicultura mineira foram novamente afetados, desta vez por adversidades climáticas, culminando em uma produção de 28,1 milhões de sacas — uma queda de 3,1% em relação à safra anterior. Essa redução está relacionada à ocorrência de estiagens e temperaturas elevadas, sobretudo a partir de abril de 2023, período em que as chuvas praticamente cessaram em diversas regiões do estado (Companhia Nacional de Abastecimento, 2025).

Apesar de um aumento de 1,9% na área em produção, a produtividade média sofreu retração de 5%, alcançando 25,5 sacas por hectare. Adicionalmente, observou-se que o clima mais quente e seco também antecipou a colheita em cerca de 30 dias. Ainda assim, Minas Gerais manteve sua posição de destaque como maior produtor de café do Brasil, respondendo por 52% da produção nacional (Companhia Nacional de Abastecimento, 2025).

Como maior produtor do Brasil, grande parte da economia de seus municípios é baseada no agronegócio do café, que pode ser considerado um fator de desenvolvimento regional, que dispõe de recursos materiais e imateriais específicos, frutos de uma história local e particular de cada cidade, em que vão sendo acumulados os conhecimentos coletivos do território de sua cultura (Moruzzi-Marques & Silveira, 2009; Silva et al., 2001).

A maioria dos cafeicultores são pequenos produtores, predominando nas regiões das Matas de Minas e do Vale do Jequitinhonha. Entretanto, a maior parte da produção colhida provém de médias e grandes propriedades, sendo que os médios cafeicultores estão presentes principalmente no cerrado (Souza & Oliveira, 2024). As áreas do Vale do Jequitinhonha e do Cerrado possuem altas médias de produtividade devido principalmente ao emprego dos sistemas de irrigação para o manejo da lavoura (Bliska et al., 2009).

A maior parte da mão de obra empregada na cafeicultura é contratada durante o período da safra, especialmente na colheita, em quase todas as regiões do país. Esses trabalhadores, em sua maioria, são apanhadores de café, que podem ser membros da família de produtores de pequenas propriedades ou vizinhos de propriedades vizinhas. Em propriedades médias, os trabalhadores podem ser assalariados, provenientes tanto da própria localidade quanto de outras regiões, enquanto em grandes propriedades, o trabalho assalariado predomina em praticamente todas as fases do ciclo produtivo (Vale et al., 2014). Além disso, Pelegrini e Simões (2011) ressaltam que a colheita é identificada como uma das principais despesas da cafeicultura, o que leva muitos produtores a buscar alternativas para mecanizar esse processo, a fim de reduzir custos.

Bliska et al. (2009) destacam que o modelo de gestão empresarial adotado por alguns produtores, que prioriza a profissionalização e o uso intensivo de tecnologias agrônomicas, influencia diretamente a qualificação da mão de obra. Pereira et al. (2024) resalta que a capacitação e o conhecimento técnico dos cafeicultores são essenciais para a adoção de inovações tecnológicas, o que pode ser alcançado por meio de programas de treinamento e assistência técnica. É crucial que os produtores compreendam os princípios subjacentes às tecnologias, suas origens, a relação com as políticas públicas que as promovem, bem como a maneira de implementá-las corretamente, além de estarem cientes dos benefícios e desafios associados a cada inovação.

Por outro lado, em regiões onde predomina o sistema familiar de gestão das propriedades, o nível de instrução da mão de obra tende a ser mais baixo. Apesar dos avanços na mecanização e modernização da agricultura, muitos agricultores familiares, que constituem

a maioria dos cafeicultores, continuam produzindo café de forma tradicional, em grande parte devido ao acesso restrito às tecnologias modernas, que são predominantemente disponibilizadas para grandes produtores com maior capacidade financeira para investir no processo produtivo (Vale et al., 2014).

Portanto, o acesso a condições de trabalho dignas para os pequenos produtores de café e seus trabalhadores requer políticas públicas de incentivo. Embora o setor seja altamente lucrativo, a distribuição desigual do valor e do risco entre os envolvidos na cadeia produtiva destaca a necessidade urgente de intervenção governamental.

Sobre isso, Borrella, Mataix e Carrasco-Gallego (2015, p. 30) afirmam que,

Para reduzir a pobreza e a vulnerabilidade dos pequenos produtores de café, é necessário pagar preços de café que cubram os custos de produção e de vida e facilitar o acesso dos agricultores aos recursos - principalmente crédito, informações de mercado e insumos agrícolas. A indústria do café provou ser altamente lucrativa; entretanto, ela se caracteriza por uma distribuição desigual de valor e risco entre os atores envolvidos. As cadeias de fornecimento de café são cadeias de mercadorias orientadas pelo comprador, nas quais as empresas líderes - importadores e torrefadores - governam a cadeia de uma forma que não exige muito esforço, mantém a opacidade e capta a maior parte dos ganhos. Portanto, para melhorar as oportunidades dos pequenos proprietários, é necessário desafiar a forma como as cadeias de abastecimento de café são governadas.

A cafeicultura desempenha um papel fundamental como base socioeconômica em muitas localidades de Minas Gerais, exercendo uma influência significativa no agronegócio onde se estabelece. Com demandas tanto na produção agrícola quanto na industrialização, essa atividade tem a capacidade de transformar cidades próximas para atender suas necessidades, fornecendo aporte técnico, financeiro, jurídico, mão de obra e outros recursos essenciais (Elias, 2013). À medida que a agropecuária se torna mais intensiva e globalizada, impulsiona o setor terciário e, por conseguinte, a economia urbana nas cidades.

A chegada do café no Vale do Jequitinhonha remonta a uma crise cafeeira que afetou as regiões norte do estado de São Paulo em meados da década de 1930, devido a fatores climáticos, declínio da fertilidade do solo e mudanças nas propriedades agrícolas (Nakagawara, 1994). Nas décadas seguintes, problemas como esgotamento do solo e geadas afetaram a produção em outras regiões, contribuindo para a expansão do cultivo para o Vale do Jequitinhonha. Essa expansão trouxe consigo uma série de desafios, incluindo questões relacionadas às relações de trabalho (Horta & Dias, 2008).

A recuperação agrícola em Minas Gerais foi grandemente impulsionada pelo café. Por meio de programas regionais de desenvolvimento, investimentos foram feitos em pesquisa, assistência técnica e infraestrutura, além de facilitação de crédito subsidiado aos produtores

(Horta & Dias, 2008). Embora a produção cafeeira no Vale do Jequitinhonha seja relativamente pequena em comparação com outras regiões do estado, sua importância econômica para os municípios produtores é significativa. A atividade gera empregos e subempregos, embora deva-se reconhecer as condições de trabalho precárias e o grau de exploração envolvido. Para muitos habitantes locais, a cafeicultura representa uma das poucas alternativas econômicas viáveis, proporcionando um aumento na renda para os pequenos produtores (Horta & Dias, 2008).

### 3. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Para coleta de dados, utiliza-se a entrevista semiestruturada, aplicada individualmente, com roteiro fundamentado no referencial teórico e adaptável ao perfil dos participantes. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse método permite a obtenção de informações diretas sobre o problema investigado, combinando questões pré-definidas com a flexibilidade para aprofundar temas emergentes durante a interação.

A abordagem qualitativa, conforme Turrioni e Mello (2012), reconhece a relação dinâmica entre sujeito e realidade, priorizando a interpretação contextualizada dos fenômenos. O pesquisador atua como instrumento principal, coletando dados no ambiente natural e analisando-os de forma indutiva, com foco nos processos e significados. Essa perspectiva é particularmente adequada para investigações que requerem compreensão aprofundada de contextos específicos, permitindo inclusive a participação de públicos diversos, independentemente de sua formação (Marconi & Lakatos, 2003).

Em relação ao local da pesquisa, o município de Mata Verde/MG foi escolhido devido à sua significativa produção cafeeira na região do Baixo Vale do Jequitinhonha. As entrevistas foram realizadas em janeiro de 2023 e contemplaram quatro categorias sociais distintas apresentadas no Quadro 1.

**Quadro 1.** Resumo dos Entrevistados por Grupo Social

Grupo Social	Quantidade de Entrevistados	Critério de Escolha
Entidades Governamentais	2	Representantes das instituições governamentais presentes no município
Comerciantes Locais	6	Atuam diretamente no comércio local do município e são de algum modo afetados pela cafeicultura
Trabalhadores Rurais	4	Empregados sazonais ou fixos da colheita de café
Produtores de Café	3	Envolvidos diretamente na produção cafeeira local

Fonte: Os autores (2023).

Por conseguinte, no Quadro 2, detalha-se a estrutura das entrevistas, organizadas por grupo social. Para cada pergunta, são apresentadas sua justificativa e os respectivos fundamentos teóricos que a embasam. Ressalta-se que todas as entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e organizadas em planilhas de Excel para uma análise mais aprofundada dos dados. É importante ressaltar que a amostragem foi não probabilística, por acessibilidade.

**Quadro 2.** Estrutura das entrevistas com base no referencial teórico

<b>ENTIDADES GOVERNAMENTAIS</b>		
<b>Pergunta</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Elemento de Análise (Referencial Teórico)</b>
1. Quantos produtores de café existem no município?	Dimensionar a escala da cadeia produtiva e seu peso na economia local.	(Bliska et al., 2009).
2. Como está distribuída a terra (em hectares e módulos rurais)?	Analisar a concentração fundiária e desigualdades estruturais.	(Vale et al., 2014) (Horta & Dias, 2008).
3. Quais as principais culturas da agricultura no município?	Contextualizar a diversificação agrícola além da cafeicultura.	(Moruzzi-Marques & Silveira, 2009).
4. Qual o histórico da atividade cafeeira no município?	Compreender a trajetória histórica e seu vínculo com políticas públicas.	(Horta & Dias, 2008).
5. Quais são os suportes oferecidos pelos órgãos públicos municipais?	Avaliar a efetividade de políticas de assistência técnica e crédito.	(Pelegriani & Simões, 2011) (Bliska et al., 2009).
6. Como você considera as práticas trabalhistas da atividade cafeeira?	Identificar condições precárias e informalidade.	(Crocco et al., 2018) (Pelegriani & Simões, 2011).
7. Existe fiscalização da atividade cafeeira? Por quem?	Verificar cumprimento de normas trabalhistas e ambientais.	(Bliska et al., 2009) (Vale et al., 2014).
8. Como se dá a relação entre sindicatos, produtores, trabalhadores e prefeitura?	Analisar a governança e articulação institucional.	(Borrella et al., 2015).
9. Qual o impacto econômico da atividade cafeeira para o município?	Correlacionar a cafeicultura com geração de renda e empregos.	(Elias, 2013).
<b>COMERCIANTES LOCAIS</b>		
<b>Pergunta</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Elemento de Análise (Referencial Teórico)</b>
1. Na sua opinião, qual a importância da atividade cafeeira para o município de Mata Verde-MG?	Avaliar o papel central da cafeicultura na economia local	(Barth, 2009) (Crocco et al., 2018).
2. Na sua opinião, a cultura cafeeira gera impactos diretos no seu negócio?	Verificar a relação de dependência entre comércio e safra cafeeira	(Elias, 2013).
3. Durante o período de colheita do café, o faturamento do seu negócio aumenta?	Quantificar o efeito sazonal da cafeicultura no fluxo de caixa	(Pelegriani & Simões, 2011).
<b>PRODUTORES</b>		
<b>Pergunta</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Elemento de Análise (Referencial Teórico)</b>
1. Dados demográficos (nome, cor, idade, etc.)	Caracterizar o perfil sociocultural dos produtores.	(Vale et al., 2014) (Bliska et al., 2009).
2. Tempo de atuação na cafeicultura	Compreender a tradição familiar no cultivo.	(Horta & Dias, 2008).
3. Acesso a crédito/apoio público	Avaliar políticas de financiamento.	(Veríssimo, 2015) (Oliveira et al., 2008).

4. Contratação de mão de obra	Identificar grau de formalização.	(Vale et al., 2014) (Crocco et al., 2018).
5. Uso de tecnologia	Verificar modernização da produção.	(Pelegriani & Simões, 2011).
6. Motivação para cafeicultura	Entender fatores de escolha profissional.	(Elias, 2013).
7. Assistência técnica	Avaliar acesso a suporte institucional.	(Pereira et al., 2024).
8. Principais dificuldades	Mapear desafios estruturais.	(Pereira et al., 2024) (Bliska et al., 2009).
9. Necessidades para desenvolvimento	Identificar demandas por políticas públicas.	(Oliveira et al., 2008) (Rocha et al., 2023).
<b>TRABALHADORES RURAIS</b>		
<b>Pergunta</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Elemento de Análise (Referencial Teórico)</b>
1. Dados demográficos	Caracterizar perfil socioeconômico	(Crocco et al., 2018).
2. Início e tempo na atividade	Compreender a precocidade e permanência no trabalho rural.	(Crocco et al., 2018).
3. Formalização do trabalho	Avaliar o grau de informalidade e vulnerabilidade.	(Crocco et al., 2018)
4. Jornada de trabalho	Identificar violações de direitos trabalhistas.	(Pelegriani & Simões, 2011) (Vale et al., 2014).
5-6. Condições de trabalho (refeitório, banheiro)	Verificar infraestrutura básica.	(Bliska et al., 2009) (Vale et al., 2014).
7. Histórico familiar na cafeicultura	Analisar ciclos econômicos e dependência econômica.	(Horta & Dias, 2008).
8-9. Segurança no trabalho	Avaliar riscos ocupacionais.	(Bliska et al., 2009) (Vale et al., 2014).
10. Remuneração	Identificar formas de exploração laboral.	(Teixeira, 2002) (Vale et al., 2014).
11. Motivação para o trabalho	Compreender a falta de alternativas econômicas.	(Horta & Dias, 2008).
12. Moradia e composição familiar	Avaliar condições habitacionais e dependentes.	(Crocco et al., 2018) (Teixeira, 2002).
13. Fontes de renda e benefícios sociais	Analisar vulnerabilidade econômica.	(Crocco et al., 2018) (Rocha et al., 2023).

Fonte : Os autores (2023).

## 4. Resultados

### 4.1 Entidades Governamentais

Com o objetivo de compreender a percepção institucional sobre as questões que envolvem a cafeicultura no município, foram realizadas entrevistas com dois representantes: um da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e outro da Secretaria Municipal de Agricultura (SMA). Durante a entrevista com o representante da EMATER, foi informado que o município de Mata Verde/MG contava com 167 produtores de café, dos quais 160 são agricultores familiares e apenas 7 não se enquadram nessa categoria. A produção de café no município estava distribuída da seguinte forma, de acordo com a classificação fornecida pelos próprios representantes das entidades governamentais:

- 134 pequenos produtores, com 315 hectares, produzindo 9.452 sacos de café;
- 30 produtores médios, com 116 hectares, produzindo 3.500 sacos e
- 3 grandes produtores, com área total de 106 hectares, produzindo 3.200 sacos.

O módulo rural do município é de 60 hectares. A distribuição de terra entre os produtores é de 2,35 hectares em média para os pequenos produtores, 3,87 hectares em média para os médios produtores e 35,33 hectares em média para os grandes produtores. Sobre esse dado, observa-se o quão desigual é a distribuição de terra e como as pequenas e médias propriedades são responsáveis por grande parte da produção de café no município. Sobre essa disparidade, Bliska et al. (2009), em seu estudo, ressaltam que a maioria dos produtores de café no Vale do Jequitinhonha são pequenos produtores e que a atividade apresenta grande relevância para a empregabilidade das pessoas envolvidas.

Perguntado sobre quais apoios técnicos a EMATER oferece na região, o respondente afirmou que havia suporte aos trabalhadores e produtores, fornecendo assistência técnica e extensão rural, orientando em diversas etapas da produção do café, como preparo do solo, tratamentos culturais, e estimulando a participação em concursos de qualidade e programas de certificação de café. Além disso, foi dito que a instituição auxiliava na obtenção de crédito rural para diversos fins, como plantio, custeio e infraestrutura.

Além disso, o representante da EMATER afirmou que o nível técnico da atividade cafeeira no município é considerado de médio para bom, sendo que os grandes produtores se destacam pela melhor gestão e estrutura financeira. Essas atividades de assistência técnica são de fundamental importância, especialmente para os pequenos e médios produtores. Elas estão alinhadas com as políticas públicas que são essenciais para o desenvolvimento local da atividade cafeeira, como afirmado por Bliska et al. (2009).

Quanto às práticas trabalhistas, segundo o entrevistado, os trabalhadores possuíam bom conhecimento sobre a produção de café na região, mas a mão de obra, principalmente nos pequenos produtores, carecia de preparo em relação aos equipamentos de proteção individual. Sobre isso, Crocco et al. (2018) chamam a atenção para como muitos desses trabalhadores estão inseridos em condições precárias de trabalho. Conforme observamos na fala do representante da EMATER, a segurança do trabalho é uma das principais questões que contribuem para uma atividade laboral em que esses sujeitos são expostos a condições precárias.

Ao representante da SMA, foi perguntado como se deu o início da atividade cafeeira no município de Mata Verde/MG. Ele afirma que remonta aos anos 1970, quando pessoas migraram de outras regiões para se dedicarem à produção de café na área. Naquela época,

conforme Saes et al. (1997), as atividades cafeeiras foram instaladas em outras regiões do país, como é o caso de Mata Verde/MG, especialmente em virtude do Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais, proposto pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Por conseguinte, ele afirmou que existiam mais de 100 produtores diretamente envolvidos na produção de café no município, abrangendo aproximadamente 500 hectares dedicados a essa cultura, o que é uma estimativa próxima aos dados fornecidos pelo representante da EMATER. Ainda, segundo o representante da SMA, o nível técnico da atividade cafeeira em Mata Verde/MG é variado, com predominância de mão de obra familiar e pequenas propriedades. Enquanto a tecnologia é limitada em algumas áreas, há também produtores mais avançados que empregam tecnologias modernas.

Segundo o representante da SMA, as práticas trabalhistas na atividade cafeeira, embora não tivessem sido fiscalizadas nos últimos dois anos pelo Ministério do Trabalho, geralmente envolviam mão de obra familiar, o que reduzia a necessidade de contratações externas. Além disso, segundo o mesmo entrevistado, o município possuía um sindicato dos produtores rurais, que embora seja uma instituição independente da prefeitura, mantém uma boa relação e defende os interesses dos produtores, especialmente em questões como aposentadoria rural.

Quando perguntado sobre as atividades oferecidas pela prefeitura à comunidade cafeeira, o representante da SMA enfatizou que os suportes oferecidos pelos órgãos públicos municipais aos trabalhadores e produtores incluem parcerias com a prefeitura municipal, a EMATER, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Essas atividades técnicas são de fundamental importância (Bliska et al., 2009), especialmente para os pequenos e médios produtores que carecem de tecnologia (Vale et al., 2014) e ainda mantêm uma produção de maneira tradicional.

Sobre a fiscalização ambiental, esta era realizada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF), enquanto a fiscalização trabalhista era menos frequente, o que vinha levando à redução das autuações ao longo dos anos.

Por fim, sobre o impacto econômico da atividade cafeeira, o representante da SMA enfatizou que era significativo para Mata Verde/MG, sendo a principal fonte de emprego e renda. Além disso, o café era exportado e havia uma empresa local renomada que contribuía para a economia regional. Sobre esse ponto, Moruzzi-Marques & Silveira (2009) e Silva et al. (2001) enfatizam que a cafeicultura, quando implantada, é um importante fator de desenvolvimento regional. Ela traz consigo recursos materiais e imateriais específicos, que são

frutos da história local e peculiar de cada cidade, como é o caso de Mata Verde/MG, onde se acumulam os conhecimentos coletivos da cultura local.

#### 4.2 Comerciantes Locais

Nesta fase do estudo, os comerciantes puderam opinar sobre as atividades cafeeiras e os impactos desta atividade nos seus empreendimentos e na econômica local. Essas empresas presentes no município de Mata Verde/MG são diretamente afetadas pela economia da cultura cafeeira. Assim sendo, foram entrevistados um total de 6 comerciantes atuantes nos seguintes setores: beleza, farmacêutico, supermercados, varejista, agrícola e construção civil.

Nesse sentido, perguntamos: ***"Na sua opinião, qual a importância da atividade cafeeira para o município de Mata Verde/MG?"***.

**R1:** *"O café para região é essencial, principalmente a parte financeira da cidade que é movida por essa cultura. O comércio fica mais movimentado e conseqüentemente aumenta a empregabilidade da região"*.

**R2:** *"É de suma importância, pois na época do café o faturamento do salão melhora, os trabalhadores recebem os salários e assim mesmo quem não trabalha diretamente com o café sai ganhando com essa cultura"*.

**R3:** *"Tem um impacto muito bom para a cidade, pois a entrada de dinheiro é ótima"*.

**R4:** *"Acho que ele tem importância porque hoje em dia no comércio é um dos que mais temos um giro é o café, e o que valorizamos extremamente ainda mais nesta terra"*.

**R5:** *"Primeiro que o café gera emprego, a cidade fica muito mais povoada, vem gente de fora pra trabalhar o que acaba gerando mais renda"*.

**R6:** *"A cafeicultura é muito importante, principalmente para o comércio local já que o café gera tantos empregos em uma cidade que não há empresas e nem fábricas para que os trabalhadores tenham empregos fixos. Assim, a maioria da população espera a época da colheita para ganhar dinheiro e manter-se pelo resto do ano"*.

Dessa forma, é evidente o consenso sobre a significativa importância da cultura do café para a economia da cidade. Destacam-se os seguintes benefícios apontados: o incremento financeiro nas mãos dos trabalhadores, resultando em um maior poder de compra; e o crescimento populacional da cidade, que impulsiona a dinâmica do mercado local em épocas sazonais. Corroborando com esse cenário, diversos autores como Barth (2009), Crocco et al. (2018), Rufino et al. (2010) e Veríssimo (2015) destacam que a cafeicultura, nos locais onde é desenvolvida, constitui a principal cultura cultivada. Ela é capaz não apenas de impulsionar os

cafeicultores, os sujeitos diretamente ligados à atividade, mas também de promover a industrialização e modernização dos comércios locais.

Posteriormente, se perguntou: **“Na sua opinião, a cultura cafeeira gera impactos diretos no seu negócio?”**. As principais respostas foram:

**R1:** *“Se a colheita for boa e os preços estiverem bons os impactos são positivos, mas se os preços estiverem altos acabam dependendo mais do comércio nacional (lei da procura e demanda)”*.

**R2:** *“Sim, tem um movimento maior que o pessoal compra mais e também tem o fato de trabalharem pegando café gerando mais renda e conseqüentemente gerando mais giro de mercadoria”*.

**R3:** *“Sim, porque tem gente que fala que vai pegar café pra voltar e comprar alguma coisa”*.

Sobre as respostas, fica evidente que há impactos diretos da cultura cafeeira em seus negócios. Enquanto a primeira resposta revela uma sensibilidade aos ciclos de oferta e demanda do mercado, refletindo a dependência do contexto econômico, as respostas dois e três destacam os benefícios positivos, como o aumento do movimento no comércio local e a geração de renda adicional para os trabalhadores, impulsionando o consumo. Essas observações sugerem uma relação dinâmica entre a produção de café e a atividade comercial, onde períodos prósperos na cafeicultura tendem a impactar positivamente o cenário econômico local.

Nesse sentido, as falas destacam não apenas a importância da cultura cafeeira para o município, mas também seu papel crucial no fortalecimento da economia local, gerando oportunidades de emprego além do setor agrícola e beneficiando outros segmentos. Gonçalves et al. (2019) destacam que a cafeicultura tem visto seu capital transferido para várias áreas da economia, sendo considerada um importante vetor de geração de renda, divisas e empregos para as localidades, como tem sido observado em Mata Verde/MG. Especialmente em uma cidade de pequeno porte, situada no interior de Minas Gerais, no Baixo Vale do Jequitinhonha (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Por fim, **“Durante o período de colheita do café, o faturamento do seu negócio aumenta? Cite qual o faturamento médio do seu negócio durante os meses sem colheita e com colheita”**.

**R1:** *“Os meses da colheita e os meses posteriores à colheita são bons para o comércio, pois ainda está havendo a negociação e isso tem um impacto positivo, primeiro porque os trabalhadores com empregos temporários que ajudam na colheita fazem o dinheiro circular na*

*cidade e depois tem a circulação de dinheiro por quem vendeu o café. Mas em relação a loja especificamente o aumento foi em torno de 35% a 40% no ano”.*

**R2:** *“Sim, muito mais, em volta de 40% só sei que aumenta bastante”.*

**R3:** *“É maior e melhor, uns 60 a 70%... digamos que o comércio garanta 50%, com o café vai a 100%, é muito bom”.*

As respostas dos comerciantes entrevistados destacam vividamente o impacto significativo que o período de colheita do café exerce sobre o faturamento de seus negócios. O consenso geral é de que esse período, assim como os meses subsequentes à colheita, é altamente benéfico para o comércio local. Uma razão apontada é a circulação intensificada de dinheiro na cidade, impulsionada tanto pelos trabalhadores temporários contratados para a colheita quanto pelos proprietários de fazendas que negociam o café. Esse influxo de capital não apenas aumenta as transações comerciais, mas também estimula o consumo, resultando em um crescimento substancial no faturamento das lojas.

As respostas variam em termos de magnitude do aumento de faturamento durante o período de colheita. Enquanto alguns comerciantes relatam aumentos na faixa de 35% a 40%, outros mencionam incrementos mais expressivos, chegando a 40% ou até 60% a 70%. Esses números refletem não apenas a importância da colheita do café para a economia local, mas também a resiliência e adaptabilidade dos comerciantes em capitalizar as oportunidades sazonais oferecidas pela indústria cafeeira.

Esses dados destacam a intrínseca relação entre a produção agrícola, representada pela colheita do café, e o setor comercial em Mata Verde/MG. O sucesso da colheita do café não apenas impulsiona diretamente o comércio local, mas também desempenha um papel fundamental na sustentabilidade econômica do município. Isso ressalta a importância de estratégias de colaboração e sinergia entre diferentes setores da economia para garantir um crescimento sustentável e inclusivo no município.

#### 4.3 Trabalhadores Rurais

A mão de obra desempenha um papel fundamental na produção de café, desde o plantio até a colheita. Nesse contexto, é crucial explorar as dinâmicas laborais entre os trabalhadores do café no lócus em questão. No Quadro 3, encontram-se as informações obtidas em entrevistas realizadas com 4 trabalhadores, proporcionando *insights* valiosos sobre suas relações de trabalho e suas condições sociais.

#### **Quadro 3.** Condição dos trabalhadores

Código	Identificação	Origem	Escolaridade	Processo de trabalho	Condições de vida
--------	---------------	--------	--------------	----------------------	-------------------

T1	Pardo – 66 anos - Casado	Mata Verde/MG	Não estudou	Trabalha na agricultura desde os 7 anos, sem contrato formal. Jornada de trabalho das 6h às 17h, sem local específico para alimentação ou banheiro. Remuneração semanal por lata de café colhida.	Mora em casa própria, com 6 moradores. Aposentadoria como segunda renda, sem auxílios adicionais.
T2	Pardo - 73 anos - Solteiro	Mata Verde/MG	Ensino Fundamental Completo	Trabalha em fazendas de café desde os 18 anos, sem contrato formal. Jornada de 12h/dia, sem refeitório, com banheiro disponível. Remuneração semanal conforme produção.	Casa própria com 3 moradores. Aposentadoria como segunda fonte de renda, sem auxílios adicionais.
T3	Pardo - 39 anos - Casado	Jordânia/MG	Ensino Fundamental Incompleto	Trabalha na colheita de café desde os 13 anos, sem contrato formal. Jornada das 7h às 16h, sem refeitório, sem banheiro em algumas fazendas. Remuneração semanal por lata de café colhida.	Casa de herança com 4 moradores. Recebe Bolsa Família, sem outras fontes de renda além do trabalho.
T4	Negro – 46 anos – Solteiro	Mata Verde/MG	Ensino Fundamental Incompleto	Trabalha na colheita de café desde os 12 anos, sem contrato formal. Jornada de 12h/dia, sem refeitório, sem banheiro em algumas fazendas. Remuneração semanal por lata de café colhida.	Casa cedida com 3 moradores. Sem renda além do trabalho, sem auxílios governamentais.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

É evidente uma alta proporção de trabalhadores com pouca ou nenhuma escolaridade, o que sugere um acesso limitado à educação formal, assim como evidenciado por Rocha et al. (2023). Isso contribui para a perpetuação do ciclo de pobreza e dificulta o acesso a oportunidades de emprego mais qualificado e remunerado. Além disso, a maioria dos trabalhadores entrevistados relatou a ausência de contratos formais de trabalho, o que os deixa vulneráveis a condições precárias de trabalho e falta de proteção social, como seguro-desemprego e previdência social. As jornadas de trabalho excessivamente longas, que chegam a 12 horas por dia, e a falta de condições adequadas de alimentação e higiene nos locais de trabalho são preocupações sérias que podem afetar a saúde e o bem-estar desses trabalhadores.

Sobre essa realidade, Crocco et al. (2018) destacam como ela está presente em grande parte da cadeia produtiva de café no país, na qual os trabalhadores estão envolvidos em formas de emprego informal, como a empreitada, e são submetidos a condições de trabalho precárias.

Além disso, Bliska et al. (2009) enfatizam que alguns produtores têm buscado o uso intensivo de tecnologias agrônomicas. No entanto, em locais como Mata Verde/MG, onde há uma expressiva quantidade de agricultores familiares, muitos continuam produzindo café de maneira tradicional devido ao acesso restrito a essas tecnologias modernas, as quais estão predominantemente disponíveis para os grandes produtores com capacidade financeira para investir no processo produtivo (Vale et al., 2014). Isso acaba por precarizar ainda mais as condições de trabalho e relegar esses postos a pessoas de baixa condição social.

Por outro lado, é notável que alguns trabalhadores recebem aposentadoria como segunda fonte de renda, o que pode proporcionar algum alívio financeiro, mas ainda assim muitos dependem exclusivamente do trabalho na agricultura para sustento próprio e de suas famílias. A presença de programas governamentais de assistência social, como o Bolsa Família, também é relevante, mas não é suficiente para garantir um padrão de vida digno para esses trabalhadores.

#### 4.3 Produtores de Café

Para compreender os desafios e dinâmicas que permeiam os aspectos socioeconômicos dos produtores de café, é essencial reconhecer a importância desses agentes na economia local. Os produtores de café desempenham um papel crucial na sustentabilidade econômica contribuindo significativamente para a geração de empregos e renda nas regiões onde atuam (Moruzzi-Marques & Silveira, 2009; Silva et al., 2001; Toledo, 2019).

Dessa forma, os dados foram categorizados em: Identificação, História com a cafeicultura, Produção do café em suas propriedades, Trabalho, Condições de trabalho e tecnologia e Assistência técnica. Os resultados referentes ao perfil dos produtores de café do município de Mata Verde/MG serão apresentados no Quadro 4. Houve um total de 3 produtores entrevistados.

**Quadro 4.** Parâmetro geral da situação dos Produtores de café em Mata Verde/MG

<b>Identificação</b>	A faixa etária dos entrevistados são: 42, 44 e 45 anos. Dois produtores se autodeclararam brancos e um pardo. Todos são casados. Dois produtores têm origem em Mata Verde/MG e outro em Divisópolis/MG. Todos possuem o ensino superior completo. 2 trabalham como servidor público e outro tem sua renda advinda unicamente da indústria e da lavoura.
<b>História com a cafeicultura</b>	Todos tinham ou tem um familiar que trabalha com cafeicultura. Os produtores trabalham na cafeicultura há aproximadamente 20 anos. Um dos produtores começou a partir de um financiamento obtido do PRONAF, outro por incentivo de um amigo, outro da continuidade da família. Eles afirmam que escolheram trabalhar com a cafeicultura pois é algo que gera muita renda e também por questões culturais da cidade.

<b>Produção do café em suas propriedades</b>	A produção anual varia de 35 a 200 sacas. O faturamento anual varia de R\$ 24 mil a R\$ 80 mil bruto. O tamanho da propriedade dos entrevistados é de 2,42 hectares, 8,5 hectares e 102 hectares. Elas foram adquiridas tanto por herança quanto por compra.
<b>Trabalho</b>	Nas propriedades dos entrevistados há uma variedade na forma de contratação. Na propriedade de maior tamanho há 6 trabalhadores fixos de carteira assinada e 40 em épocas sazonais sem carteira assinada. Nas outras propriedades não há trabalhadores fixos e em épocas de sazonalidade a contratação varia de 3 a 20 pessoas.
<b>Condição de trabalho e tecnologia</b>	Nas propriedades a colheita é feita de forma manual, mas contam com pulverizadores, tratores e roçadeiras. Eles afirmam que as principais dificuldades são: a carência de mão de obra e o alto custo operacional. Quando perguntados sobre o que poderia ajudar no desenvolvimento da atividade, eles afirmam que a assistência técnica seria uma boa ajuda, uma cooperativa e a ajuda do setor público.
<b>Assistência técnica</b>	Dois produtores disseram que não recebem assistência técnica, outro disse que possui um engenheiro agrônomo contratado e que recebe assistência do SENAR.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Esses produtores enfrentam desafios significativos, como a carência de mão de obra e os altos custos operacionais. A escassez de trabalhadores fixos e a dependência de contratações sazonais refletem as dificuldades enfrentadas na gestão das propriedades. Sobre isso, Bliska et al. (2009) enfatizam que no agronegócio do café, questões relacionadas à responsabilidade social devem ser priorizadas, tais como a saúde dos trabalhadores, segurança alimentar, a não utilização de mão de obra infantil ou não remunerada, a preservação ambiental e a certificação de qualidade. No entanto, é importante considerar que a maior parte da mão de obra empregada na cafeicultura é contratada durante o período da safra, principalmente durante a colheita, em praticamente todas as regiões (Vale et al., 2014). Portanto, para compreender esse fator contemporâneo em Mata Verde/MG, Horta e Dias (2008) recordam que a chegada do café no Vale do Jequitinhonha remonta a uma crise cafeeira e que, desde então, essa expansão trouxe consigo uma série de desafios, incluindo questões relacionadas às relações de trabalho.

Além disso, a falta de assistência técnica adequada e de apoio do setor público limita ainda mais a capacidade dos produtores de melhorar suas práticas agrícolas e enfrentar os desafios do mercado. Veríssimo (2015) reforça que há necessidade de se pensar em políticas públicas que visem a qualificação e treinamento dos agricultores, no que diz respeito à gestão de custos e administração de seus empreendimentos, pois tais atividades terão impacto significativo tanto na produção do café, quanto na economia local.

Ainda, Pereira et al. (2024) e Melo et al. (2024) chamam a atenção para as limitações significativas enfrentadas por esses produtores na adoção de práticas inovadoras e tecnológicas, principalmente devido à escassez de recursos financeiros e ao restrito acesso ao crédito, o que impacta diretamente a produtividade e o desenvolvimento das propriedades. Esses fatores revelam um problema estrutural que afeta essa classe social em diversas regiões do país.

Ademais, apesar desses obstáculos, os produtores demonstram um desejo claro de desenvolver suas atividades, destacando que a presença de cooperativas e de apoio governamental poderia ser algo crucial para o melhor desenvolvimento das atividades cafeeiras no referido município. A busca por assistência técnica e a necessidade de uma abordagem mais colaborativa são indicativos do reconhecimento dos produtores da necessidade de se adaptar às demandas do mercado e de fortalecer a sustentabilidade da cafeicultura na região.

Veríssimo (2015) ressalta que os pequenos produtores dependem desses núcleos e associações para ter acesso ao crédito e facilitar as negociações, tanto na produção quanto na comercialização. Nesse contexto, a formação de associações e cooperativas pode ser uma solução valiosa, simplificando as transações e aumentando os lucros do produtor (Pelegri & Simões, 2011; Vale et al., 2014). Além disso, segundo Toledo (2019), essas entidades têm a capacidade de reduzir custos, fornecer apoio técnico e fortalecer as demandas socioeconômicas, além de oferecer suporte financeiro para garantir estabilidade tanto durante a safra quanto na entressafra. Portanto, a principal função das cooperativas agropecuárias é criar um ambiente propício para lidar com os desafios complexos da produção agrícola.

Por fim, esses dados ressaltam a complexidade das questões sociais e econômicas enfrentadas pelos produtores de café, destacando a importância de políticas e iniciativas que promovam o desenvolvimento sustentável da cafeicultura local e melhorem as condições de vida e trabalho dos produtores.

## **5. Conclusão**

Este estudo buscou analisar a atividade cafeeira em Mata Verde/MG sob a perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local, com ênfase na realidade de entidades governamentais, comerciantes locais, trabalhadores rurais e produtores de café. A análise revelou que a cafeicultura representa mais do que uma simples atividade agrícola: ela se configura como importante motor da economia local, influenciando diretamente o comércio, o mercado de trabalho e o modo de vida dos moradores.

A análise das entrevistas realizadas com representantes da EMATER e da Secretaria Municipal de Agricultura revela que a atividade está concentrada nas mãos de pequenos agricultores familiares, os quais, mesmo dispondo de áreas limitadas, são responsáveis por uma parcela expressiva da produção local de café. A disparidade na distribuição de terras reforça o caráter desigual da estrutura fundiária brasileira. Nesse contexto, a atuação da EMATER é essencial, ao oferecer assistência técnica, orientação para boas práticas agrícolas e apoio na obtenção de crédito rural. Essas ações são particularmente relevantes para aqueles com menor capacidade de investimento, contribuindo para a profissionalização e sustentabilidade da atividade.

Do ponto de vista técnico, observou-se um cenário heterogêneo: enquanto alguns produtores operam com tecnologias modernas e gestão eficiente, grande parte ainda mantém práticas tradicionais, com pouca mecanização e baixa qualificação da mão de obra. Esse fator impacta diretamente nas condições de trabalho, especialmente no que se refere à segurança e ao uso adequado de equipamentos de proteção individual. A carência de fiscalização trabalhista e ambiental também levanta preocupações, revelando lacunas na garantia de direitos básicos dos trabalhadores e na preservação ambiental. As parcerias institucionais estabelecidas entre a prefeitura, EMATER, Sebrae e Senar demonstram uma tentativa de integração entre diferentes esferas para o fortalecimento da cafeicultura local. Entretanto, persiste a necessidade de ampliação e continuidade dessas políticas, de modo a garantir acesso equitativo a recursos, formação técnica e condições dignas de trabalho.

A análise das entrevistas com comerciantes locais evidencia a interdependência entre a cafeicultura e o dinamismo econômico do município de Mata Verde/MG. A percepção compartilhada pelos entrevistados aponta para uma realidade em que a produção e colheita do café não apenas movimentam o setor agrícola, mas reverbera diretamente em múltiplos segmentos do comércio local. De maneira geral, os comerciantes reconhecem a cafeicultura como um dos principais motores econômicos da cidade, responsável por aquecer o consumo e ampliar significativamente o faturamento de seus negócios, especialmente durante o período da colheita. Esse cenário é impulsionado tanto pela geração de empregos temporários, que eleva o poder de compra da população, quanto pelas negociações feitas pelos produtores após a comercialização do café, promovendo a circulação de capital no município. Além disso, observa-se que a cafeicultura contribui para mitigar os efeitos da ausência de indústrias e empresas de grande porte na região, funcionando como uma alternativa viável de geração de renda e dinamismo econômico em uma cidade de pequeno porte.

Já as dinâmicas laborais revelam um cenário complexo e marcado por vulnerabilidades. A baixa escolaridade, a informalidade dos vínculos empregatícios, as extensas jornadas de trabalho e as condições precárias nos locais de trabalho configuram um quadro preocupante. A dificuldade de acesso a tecnologias modernas por parte dos agricultores familiares contribui para a manutenção de práticas tradicionais e, conseqüentemente, para a persistência de postos de trabalho menos qualificados e com condições desfavoráveis. Essa situação reforça a necessidade de políticas públicas e iniciativas que visem a formalização do trabalho, a melhoria das condições laborais, o acesso à educação e a inclusão tecnológica para os trabalhadores rurais da região. Ainda, embora a aposentadoria represente um importante segunda fonte de renda para alguns trabalhadores, e programas sociais como o Bolsa Família ofereçam algum suporte, a dependência exclusiva do trabalho agrícola e a ausência de contratos formais expõem esses indivíduos a uma significativa insegurança social e econômica.

Com relação aos produtores de café de Mata Verde/MG, pode-se afirmar que estes formam um grupo heterogêneo, com diferentes escalas de produção e formas de organização do trabalho, mas que compartilham desafios significativos para o desenvolvimento de suas atividades. A carência de mão de obra qualificada e os elevados custos operacionais emergem como obstáculos centrais, impactando a eficiência e a rentabilidade das propriedades. A limitada assistência técnica e o reconhecimento da necessidade de maior apoio do setor público indicam uma lacuna importante no suporte ao desenvolvimento da atividade cafeeira na região. A dificuldade de acesso a crédito e de adoção de tecnologias inovadoras restringem o potencial de aumento da produtividade e a competitividade desses produtores. Entretanto, apesar dos desafios, o interesse dos produtores em formar cooperativas e buscar assistência técnica demonstra uma visão proativa para superar as dificuldades e fortalecer a cafeicultura local.

Diante desses achados, conclui-se que o fortalecimento da atividade cafeeira em Mata Verde/MG requer ações coordenadas entre o poder público, instituições de ensino, cooperativas e os próprios produtores. Investimentos em formação técnica, incentivos à formalização do trabalho, melhorias na infraestrutura rural e maior acesso a tecnologias sustentáveis podem ampliar os benefícios socioeconômicos da atividade, garantindo desenvolvimento mais justo e duradouro para o município.

Além de sua importância econômica, a atividade cafeeira carrega consigo uma forte dimensão cultural e histórica, marcada pela trajetória dos agricultores e pela construção coletiva do saber local. Nesse sentido, o fortalecimento da cafeicultura deve ser entendido não apenas

como uma estratégia de desenvolvimento econômico, mas também como um instrumento de valorização social e territorial.

Por fim, como sugestão para trabalhos futuros, destaca-se a possibilidade do uso de uma abordagem longitudinal para validar os dados apresentados ao longo do tempo e uma amostra mais ampla para explorar outras perspectivas sobre a cafeicultura em outras regiões.

## 6. Referências

Aenda. (2020). *Safra brasileira de café é a segunda maior da história*. Aenda. [https://www.aenda.org.br/noticia\\_imprensa/safra-brasileira-de-cafe-e-a-segunda-maior-da-historia/](https://www.aenda.org.br/noticia_imprensa/safra-brasileira-de-cafe-e-a-segunda-maior-da-historia/)

Barth, G. M. P. (2009). A leitura do café: Suas possíveis relações matemáticas e a perspectiva de gênero. *Educar em Revista*, 35, 153–164. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300012>

Bliska, F. M. de M., Mourão, E. A. B., Júnior, P. C. A., Vegro, C. L. R., Pereira, S. P., & Giomo, G. S. (2009). Dinâmica fitotécnica e socioeconômica da cafeicultura brasileira. *Informações Econômicas*, 39(1).

Borrella, I., Mataix, C., & Carrasco-Gallego, R. (2015). Smallholder Farmers in the Speciality Coffee Industry: Opportunities, Constraints and the Businesses that are Making it Possible. *IDS Bulletin*, 46(3), 29–44. <https://doi.org/10.1111/1759-5436.12142>

Campos, A. F. D., Souza, R. da S., Jr, P. dos S. P., Oliveira, G. F. de, & Souza, G. da S. (2015). Desafios logísticos para o escoamento da produção de café no Sul de Minas Gerais. *12th Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia-SEGeT*.

Carvalho, G. (2002). *Análise setorial: O mercado do café*. Gazeta Mercantil.  
Companhia Nacional de Abastecimento. (2021). *Acompanhamento da safra brasileira* (Vol. 8). Conab.

Companhia Nacional de Abastecimento. (2025). *Acompanhamento da safra brasileira* (Vol. 11). Conab.

Crocco, F. L. T., Vilas Boas, L. G., Tonelli, G., & Marques, V. H. M. S. (2018). Café, terra e trabalho no município de Nepomuceno-MG. *PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho*, 18(3). <https://doi.org/10.33026/peg.v18i3.5328>

Elias, D. (2013). Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. *Revista ACTA Geográfica*, 13–32. <https://doi.org/10.5654/actageo2013.0003.0001>

Fernandes, A. L. T., Partelli, F. L., Bonomo, R., & Golynski, A. (2012). A moderna cafeicultura dos cerrados brasileiros. *Pesquisa Agropecuária Tropical*, 42(2), 231–240. <https://doi.org/10.1590/S1983-40632012000200015>

Filetto, F. (2000). *Trajectoria histórica do café na região sul de Minas Gerais* [Dissertação de Mestrado em Administração Rural]. Universidade Federal de Lavras.

Gonçalves, M. T., Pontes, R. de A., & Miranda, A. M. B. (2019). Rentabilidade da Cafeicultura na Região Sul de Minas Gerais No Período de 1995 a 2004. *Pensar Acadêmico*, 2, 25–34.

Horta, C. A. da C., & Dias, M. S. (2008). Trabalhadores do café no Vale do Jequitinhonha: Uma análise geográfica. *CADERNOS DO LESTE*, 8(8). <https://doi.org/10.29327/249218.8.8-6>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Mata Verde | Panorama*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mata-verde/panorama>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Mata Verde | Pesquisa | Produção Agrícola—Lavoura Permanente | Abacate*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mata-verde/pesquisa/15/11863>

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5. ed). Atlas.

Melo, G. A. D., Peixoto, M. G. M., Vanzela, M., & Delai, A. P. D. (2024). Gestão de desempenho na concessão de crédito e seguro rural na cafeicultura: Uma revisão integrativa. *Anais do 62o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. 62o Congresso da SOBER, Palmas, Tocantins. <https://doi.org/10.29327/62-congresso-da-sober-397784.818772>

Ministério do Trabalho e Emprego. (2024). *MTE discute avanços, desafios e ações para melhorar as condições de trabalho na cafeicultura brasileira*. Ministério do Trabalho e Emprego. <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Dezembro/mte-discute-avancos-desafios-e-acoes-para-melhorar-as-condicoes-de-trabalho-na-cafeicultura-brasileira>

Moruzzi-Marques, P. E., & Silveira, M. Â. (2009). Concepções em concorrência sobre o sistema agroalimentar. Um estudo sobre a cafeicultura familiar de Minas Gerais. *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología*.

Nakagawara, Y. (1994). Café, do colonato ao bóia-fria. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 15(3), 270–279.

Novaes, R. B. (2011). *Gente de fora: Vida e trabalho dos assalariados do café em uma região de Minas Gerais*. E-papers.

Oliveira, A. D. A. S., Gomes, M. F. M., Rufino, J. D. S. L., Siva Júnior, A. G. da, & Gomes, S. T. (2008). Estrutura e Dinâmica da cafeicultura em Minas Gerais. *Revista de Economia*, 34(1). <https://doi.org/10.5380/re.v34i1.7451>

Pelegrini, D. F., & Simões, J. C. (2011). Desempenho e problemas da cafeicultura no estado de Minas Gerais: 1934 a 2009. *Campo Território: revista de geografia agrária*, 6(12), 183–199.

Pereira, R. C., Oliveira, K. M. D., Barbosa, E. B., & Franco, J. M. C. (2024). A ótica dos produtores em relação a adoção de tecnologias agrícolas: Uma análise da cafeicultura. *Anais do 62o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. 62o Congresso da SOBER, Palmas, Tocantins. <https://doi.org/10.29327/62-congresso-da-sober-397784.818192>

Ribeiro, A. R. (2005). Panorama setorial: O complexo agroindustrial cafeeiro no Brasil. *Revista Análise*, 6(11).

Rocha, B. A., Rocha, E. G., & Rocha, L. C. S. (2023). Caracterização socioeconômica dos agricultores familiares da comunidade dos Pereira, município de Águas Formosas/MG. *Desafio Online*, 11(2). <https://doi.org/10.55028/don.v11i2.16212>

Rufino, J. L. dos S., Silveira, V. de S., Júnior, A. C. R., Cordeiro, A. T., Filho, G. S., Ribeiro, M. de F., Matos, A. T. de, Machado, A. F., Júnior, L. G. de C., Andrade, F. T., Ribeiro, C. A. Á. S., Chaves, M. de Á., Rocha, R. R. de C., Braga, M. J., Souza, E. C. de, & Ortega, A. C. (2010). *Caracterização da Cafeicultura de Montanha de Minas Gerais*. INAES.

Saes, M. S. M., Jayo, M., & Silveira, R. L. F. da. (1997). CACCER: Coordenando ações para a valorização do café do Cerrado. *São Paulo: VII Seminário Internacional PENSA de Agribusiness*.

Sbaraini, R. D., Cunico, E., Sbaraini, Á. H., Falleiros, T. C. M., Engelsing, E. F. R., & Santos, N. W. K. dos. (2018). Gestão ambiental: Um estudo de caso sobre o processo produtivo de uma indústria de café. *Brazilian Journal of Development*, 4(6), 3518–3531. <https://doi.org/10.34117/bjdv4n6-360>

Silva, S. de M., Santos, A. C. dos, & Lima, J. B. de. (2001). *Competitividade do agronegócio do café na região Sul de Minas Gerais*.

Souza, C. B. D., & Oliveira, R. D. S. (2024). Valorização e Dinâmica Produtiva na Cafeicultura do Cerrado Mineiro: O Papel das Indicações Geográficas e Redes Espaciais. *Anais do 62o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. 62o Congresso da SOBER, Palmas, Tocantins. <https://doi.org/10.29327/62-congresso-da-sober-397784.818809>

Teixeira, T. D. (2002). *Política estratégica para a cafeicultura brasileira*. <http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/537>

Toledo, E. F. (2019). Cafeicultura e desenvolvimento territorial: As cooperativas de café no sul de Minas Gerais. *Caderno de Geografia*, 29(2), 264–280. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2019v29n2p264-280>

Turrioni, J. B., & Mello, C. H. P. (2012). *Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção*. Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI.

USDA. (2020). Coffee: World Markets and Trade. *United States Departmente of Agriculture*. <https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/m900nt40f/6m3129089/r494w654j/coffee.pdf>

Vale, A. R. do, Calderaro, R. A. P., & Fagundes, F. N. (2014). A caféicultura em Minas Gerais: Estudo comparativo entre as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste. *Campo Território: revista de geografia agrária*, XXI ENGA-2012, 1–23.

Veríssimo, T. O. (2015). O capitalismo agrário na atividade cafeeira no município de Patrocínio (MG). *Espaço em Revista*, 17(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.5216/er.v17i1.41090>

Zottino, M. T. M. M., Marjotta-Maistro, M. C., & Montebello, A. E. S. (2024). Capacidade competitiva do café brasileiro no mercado internacional. *Anais do 62o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. 62o Congresso da SOBER, Palmas, Tocantins. <https://doi.org/10.29327/62-congresso-da-sober-397784.816132>